

UMA PRESENÇA MALIGNA

Uma luz intensa e vívida nasce do alto, das telhas transparentes do teto e das altas frestas que há nas paredes, e se esparrama ao longo de toda a praça do mercado. São sete da manhã. Os vendedores anunciam seus produtos, preços, liquidações e ofertas com vozes altas e treinadas que geram uma gritaria que atravessa as paredes do recinto até alcançar as ruas que rodeiam a parte externa da praça. A abundância salta aos olhos nos múltiplos corredores que se estendem paralelos de sul a norte e de leste a oeste: laranjas, tangerinas, maracujás, mangas, graviolas, limões, cenouras, cebolas, pimentões, tomates, rabanetes e uma inumerável lista de frutas e legumes que esperam os compradores em pacotes, caixas de madeira e bandejas de papelão e de plástico colocados ao alcance da mão. Os cheiros das ervas bombardeiam os narizes gelados dos passantes: manjeriço, capim-limão, coentro, salsinha, erva-cidreira. Em uma esquina, abrangendo todo o espaço do piso até o teto, estão estandes de artesanato e plantas ornamentais: samambaias, cactos, pinheiros em miniatura, e junto, proliferando pelos interstícios e pelos cantos, cestos, cuias, colheres de pau e objetos elaborados em sisal e fibras de fique. Do outro lado estão os açougues e as bancas de animais vivos: galinhas, patos, coelhos, hamsters e galos de briga. Aqui e ali há homens e mulheres transportando mantimentos em carrinhos de metal, carregando caixas de madeira abarrotadas de tomates ou de beterrabas, levando sacos de

batata ou de ervilha. Parecem formiguinhas cumprindo com certas funções predeterminadas nas proximidades do formigueiro.

De repente, uma voz feminina sobressai em meio aos múltiplos ruídos que a multidão faz:

– Café! Chá!

É Maria, a vendedora de bebidas quentes, que caminha pelos corredores da praça oferecendo café, chá de canela ou de erva-doce, água de rapadura pura ou com pedacinhos de gengibre e suco de limão. É uma mulher branca, de quadris largos e coxas firmes, olhos negros e longas mechas onduladas da mesma cor, uma cabeleira abundante presa para trás num rabo de cavalo agreste e selvagem que contrasta com a finura dos traços, a delicadeza da boca e o desenho retilíneo do seu nariz aquilino. Mede um metro e setenta e isso a obriga a se destacar – contra a sua vontade – acima da estatura média das outras mulheres, e de muitos homens que assim que ficam ao seu lado sentem a superioridade física dessa moça viçosa e vistosa de dezenove anos de idade.

– Café! Chá!

O tom é potente mas não agressivo, impõe-se sobre o público sem gritar, sem levantar a voz de maneira exagerada. Isso a transforma numa espécie de sereia que cruza altiva a praça do mercado enquanto seduz com seu canto melodioso os transeuntes que a contemplam ansiosos e sedentos.

Maria se aproxima de um vendedor quarentão e acima do peso que guarda algumas notas dobradas no bolso direito de um jaleco de trabalho puído e sujo.

– Você me deve dois cafés e uma água de rapadura com limão, dom Luís.

– Quando você vai deixar de cerimônia comigo, Maria?

– Pague, dom Luís, por favor.

– Venha cá, vamos conversar.

– Tenho de trabalhar.

– Se você saísse comigo, não precisaria trabalhar assim.

– Pague que eu preciso ir.

– Que mulher mais teimosa.

O homem pega algumas moedas e as entrega com má vontade, como se estivesse dando uma esmola a um mendigo andrajoso e fedorento.

– Fique com o troco. Quem sabe muda esses modos, Maria, e aprende a ser mais amável comigo.

Ela pega o dinheiro sem dizer nada e continua sua peregrinação lenta e cadenciosa. Dois corredores adiante, para em frente a um dos açougues e diz ao homem que atende atrás do balcão com um facão nas mãos:

– Venho pelos trezentos pesos, dom Carlos.

– Entre, Maria.

– Estou com pressa.

– Você sempre está com pressa.

– Estou trabalhando.

O açougueiro se inclina até ficar acotovelado no balcão de azulejo, bem perto dela, e lhe diz em voz baixa:

– Com essa bunda bem administrada, lindinha, você estaria vivendo como uma rainha.

– Respeite-me, dom Carlos.

– É a pura verdade, você está cada dia melhor.

– Pague os trezentos pesos, por favor.

– Sabe o que é que acontece com você?

Ela permanece calada. O homem continua:

– Você se acha grande coisa.

– Eu não me acho nada.

– Você é uma presunçosa, se acha melhor do que todo mundo daqui.

– Por favor, pague.

– Você nos despreza porque no fundo aspira a conseguir um namoradinho com dinheiro, um mauricinho que a leve a lugares caros e elegantes.

– Chega, dom Carlos; se não quer pagar, volto outra hora.

– Quero lhe pagar por esse corpinho, linda. Vamos hoje à tarde discretamente para um motel e verá que não vai se arrepender. Eu lhe darei um bom dinheiro.

– Volto depois pelos trezentos pesos.

– Estarei esperando quando quiser, meu amor.

Maria se afasta e sai da praça em busca de um lugar onde ninguém possa observá-la. Senta-se na calçada com os olhos úmidos, deixa as garrafas térmicas no chão e coloca a cabeça entre as mãos. Uma ira súbita lhe sobe pelo corpo e se concentra no rosto, avermelhando a face e a testa. Pensa até quando terá de aguentar as obscenidades e as grosserias dos trabalhadores do mercado, as insinuações descaradas, os pagamentos atrasados e humilhantes, os olhares lascivos e luxuriosos. Trabalha das três da madrugada até as quatro da tarde, e todos os dias é a mesma coisa: vexames, ofensas e maus-tratos contínuos. Até quando? Por que não pode estudar como as outras moças da sua idade e conseguir um trabalho decente que lhe permita pagar um curso de contabilidade ou informática? Por que ninguém acredita nela? Por que não a consideram uma pessoa de bem, por que riem das suas aspirações? Por que a tratam como uma prostituta vulgar e desprezível?

Sem que ela perceba, dois homens a observam a poucos metros de distância. Estão vestidos com jeans justos e jaquetas de couro brilhante que refletem os raios do sol. Medem cerca de um metro e oitenta, e sua compleição é atlética e bem formada. Oscilam entre vinte e cinco e vinte e oito anos, usam cabelo cortado rente e parecem hipnotizados pela imagem da bela vendedora chorando em silêncio e sem nenhuma esperança.

– É ela?

– Sim.

– É perfeita.

– Espere para ver o rosto.

– Bem-vestida será irresistível.

– É difícil achar uma melhor do que ela.

– Há quanto tempo a conhece?

– Um ano mais ou menos.

– Confia em você?

– Não confia em ninguém.

– Vou inverter a pergunta: ela desconfia de você?

– Sempre a tratei com respeito.

– Bem, vamos chegar mais perto.

Os dois homens caminham devagar, sem pressa, como se quisessem deter o tempo e não interromper o momento de solidão e ensimesmamento da moça que enxuga as lágrimas com as mãos trêmulas. Chegam até ela e param num canto, bem perto da tábua onde repousam as garrafas térmicas de bebidas fumegantes. Maria vira o rosto e, ao perceber que está sendo observada, suspira e termina de limpar os olhos chorosos. Diz com amargura:

– Oi, Pablo.

– Tudo bem, Maria?
– Mais ou menos.
– O que aconteceu?
– Nada que não aconteça comigo todos os dias – e volta a suspirar. – Estou farta de trabalhar neste buraco. Os dois homens se entreolham. Maria repete:
– Estou cansada deste trabalho.
– É duro mesmo.
– Estou aqui desde a madrugada e o que tiro mal dá para pagar o quarto e a comida.
– Não vale a pena.
– Desse jeito não vou conseguir nada na vida.
– Talvez possa ajudá-la.
– Você?
– Olhe, este é um amigo, Alberto.
O homem se aproxima e estende a mão para Maria:
– Muito prazer.
– Maria – diz ela apertando a mão dele e se levantando.
– Procuremos um lugar para conversar – diz Pablo.
– Conversar? – pergunta Maria com receio.
– Você não falou que quer mudar de trabalho?
– Você vai me ajudar?
– Vamos conversar, Maria. Se o que vou propor servir para você, ótimo; se não, tudo bem, vou embora e não falamos mais no assunto.
– Podemos tomar um refrigerante ali – diz ela apontando para uma lanchonete do outro lado da rua.
Maria recolhe a tábua com as garrafas térmicas, e os três se aproximam do estabelecimento, sentam-se numa mesa e pedem três refrigerantes. Um garçom coloca as três garrafas em triângulo sobre a mesa.

– Bem, então conversemos – diz Maria diretamente, sem preâmbulos.

– Tenho uma proposta para lhe fazer.

– Que proposta?

– Nós estamos procurando uma pessoa como você, jovem, com vontade de vencer na vida.

– Nós quem?

– Eu e o Alberto – responde Pablo calmamente enquanto olha para o amigo.

– E do que se trata? – insiste Maria.

Pablo baixa a voz:

– Em primeiro lugar quero lhe dizer que a respeitamos. O que vamos propor é só um negócio e nada mais. Não temos nenhum interesse pessoal em você, e nem eu nem o Alberto passaremos dos limites. Entendeu?

– Sim – afirma Maria acalmando-se subitamente, baixando a guarda.

– Não se trata de um pretexto para nos aproximarmos de você nem nada parecido – continua Pablo com a voz suave e pausada. – Precisamos de uma pessoa de confiança com quem começar a trabalhar, uma pessoa inteligente, esperta, com vontade de fazer dinheiro. Alguém como você.

– O que é preciso fazer? – pergunta Maria com os olhos brilhando.

– Tem muito dinheiro na jogada, Maria, dinheiro de verdade.

– Tem alguma coisa a ver com drogas?

– Não.

– Não mesmo?

– Não mesmo.

– Porque eu não sirvo de mula. Prefiro morrer.

– Não tem nada a ver com isso.

– Se tem muito dinheiro deve ser alguma coisa ilegal
– comenta ela com a garrafa de refrigerante na mão.

– É simples, Maria. Os ricos têm dinheiro, acumulam-no, escondem-no, e não deixam que nenhum de nós se aproxime dele. Podemos trabalhar honestamente a vida toda e nunca teremos um peso. O sistema está desenhado para que eles fiquem cada vez mais ricos enquanto nós ficamos cada vez mais pobres. Não há forma de juntar capital a não ser desconsiderando certas regras.

– Vão virar assaltantes?

– Não, Maria, fique tranquila que não somos pessoas violentas nem agressivas. E muito menos assassinos.

– E então?

Pablo se certifica de que ninguém está ouvindo nas mesas vizinhas, baixa ainda mais a voz e diz:

– Encontramos uma solução simples: os próprios ricos vão nos entregar seu dinheiro, sem que os obriguemos, sem agredi-los, com boas maneiras.

– Como?

– Um amigo enfermeiro nos ensinou o funcionamento de uma substância que deixa o paciente como hipnotizado durante algumas horas, em transe, e aceitando ordens sem opor resistência.

– E o que acontece com a pessoa depois?

– Nada, o efeito diminui, recupera-se em dois ou três dias, e tudo bem.

– E se morrer?

– Isso não vai acontecer, Maria. A polícia e os órgãos de segurança também estão testando essa nova substância. Acabaram-se os longos interrogatórios, as surras e as torturas. Uma injeçãozinha e o capturado confessa tudo

o que lhe perguntem. Os psicólogos estão, por sua vez, estudando as possibilidades de usá-la com alcoólatras e drogados. Não se preocupe, em doses mínimas só causa um transtorno de poucas horas.

– Como se chama?

Alberto entra na conversa e afirma:

– Escopolamina. Na rua a chamam de “burundanga”. Ao que parece, bruxos e feiticeiros negros a vêm usando há anos para feitiços e sortilégios. Se quer ler sobre ela, juntamos várias matérias de jornais e de revistas de medicina.

– Não sei, isso me dá medo.

– Garantimos que não vai acontecer nenhum acidente – continua Alberto em voz baixa. – Você receberá um salário inicial de setecentos mil pesos por mês, mais roupas e joias que nós mesmos compraremos. Morará sozinha num bom apartamento, e tanto Pablo quanto eu a respeitaremos sempre.

– Setecentos mil?

– É só o começo – diz Pablo.

– E vou poder estudar?

– Vai poder fazer o que quiser – responde Alberto olhando-a nos olhos –, não nos meteremos na sua vida.

Maria bebe dois goles seguidos de refrigerante e diz num sussurro:

– O que eu tenho de fazer?

Alberto responde:

– Nós indicamos o sujeito. Você se senta num bar ou numa discoteca para tomar um drinque. Sorri para ele, paquera um pouco sem exagerar, com decência e certo acanhamento. O cara se aproximará para conversar,

convidá-la para dançar, e, num momento de descuido, você coloca um comprimidinho no copo em que ele esteja bebendo. É tudo. Nós nos encarregaremos do resto.

– Só isso?

– Você não precisa fazer mais nada – diz Pablo.

– E o que vocês vão fazer depois?

– Pedimos os cartões de banco dele com as senhas – afirma Alberto –, vamos até um caixa eletrônico, tiramos o dinheiro e pronto.

– Quantas pessoas estão metidas nisso?

– Só nós três – responde Pablo esticando-se na cadeira.

– Quanto tempo tenho para pensar?

– Tem de dar a resposta agora mesmo – afirma Alberto com a voz abafada. – Se quiser entrar no projeto, amanhã começamos a comprar as roupas, alugamos o seu apartamento em dois ou três dias e no próximo fim de semana já estaremos trabalhando. Se não quiser, tudo bem; esqueça de nós, arranjaríamos outra pessoa.

Maria olha para a rua pensativa. Na outra calçada, na saída da praça do mercado, o açougueiro dom Carlos, com o avental manchado de sangue, a vê e manda um beijo. A voz da moça adquire inesperadamente um tom determinado:

– Combinado, estou com vocês.

Andrés caminha até a janela do estúdio de pintura e observa as montanhas de Bogotá se levantarem imponentes e solenes diante da cidade. Parece-lhe que há um pouco de prepotência e arrogância nessa majestosidade. Cada

dia percebe de maneira diferente as cores das árvores, das pedras, da terra, da folhagem que se amontoa e forma uma placa vegetal de claros-escuros mutantes e irregulares. Seus olhos se levantam em direção ao céu, e ele observa um azul intenso interrompido por nuvens leves que parecem gigantescos flocos de algodão desfazendo-se na imensidão do firmamento. Ele se pergunta onde viu aquela imagem. A memória lhe traz imediatamente à mente um anacoreta, umas pedras, uma cidade, um castelo, e lá atrás, ao fundo, um céu azul com essas nuvens brincando no ar transparente.

– Bellini – diz Andrés em voz alta.

Aproxima-se da estante e pega com cuidado um grosso volume que permite ler na capa e na lombada o nome do pintor: Giovanni Bellini. Procura entre as páginas por alguns segundos e encontra a lâmina que se intitula *São Francisco no deserto*. De fato, o céu é idêntico ao que aparece atrás da janela do estúdio. Seus olhos, no entanto, não se detêm no fundo da pintura, e sim na figura de São Francisco em primeiro plano, descalço, com os braços abertos e o olhar para o alto, sozinho, isolado, parado em frente à caverna onde passa seus dias e suas noites entregue ao ensimesmamento e à oração. A aparente fragilidade do seu corpo esconde uma moderação pouco comum. Do contrário, como explicar a falta de conforto, a roupa humilde, a magreza, a palidez do rosto que evidencia longos jejuns e prolongadas fomes, o silêncio, a vida retirada e afastada dos semelhantes? Andrés se emociona ao perceber um detalhe comovente na parte inferior direita da pintura: as sandálias de São Francisco esquecidas junto à mesa de trabalho. É um elemento insignificante e ao mesmo tempo causa espanto, símbolo

da perfeita pobreza daquele homem que decidiu deixar para trás e para sempre uma vida cercada de luxos, opulência e riqueza desmedida.

Andrés fecha o volume e retorna à estante. Anda três passos e volta a sentar-se diante da mesa, onde o espera uma reprodução do afresco *A Santíssima Trindade*, de Masaccio. Está estudando o equilíbrio geométrico dessa composição e a impecável distribuição das cores nos dois lados do Cristo crucificado. Mas há uma figura que o desagrada e ao mesmo tempo o faz refletir: a imagem daquele Deus déspota que segura a cruz na qual o filho foi crucificado. Não é o rosto de um pai dolorido e compungido, mas a de um avô altivo, soberbo e presunçoso que propicia o sacrifício do seu filho desprotegido. Será essa a realidade profunda de todo pai, o desejo de demonstrar superioridade e altivez frente aos outros filhos varões? O macho da manada que destrói seus filhotes por medo de ser substituído por eles?

O toque do telefone tira Andrés dos seus pensamentos e o obriga a pegar o fone.

– Alô?

– Andrés?

– Sim, ele.

– Aqui é o Manuel, seu tio.

– Oi, tio, tudo bem? – diz Andrés balançando o corpo na cadeira.

– Mais ou menos.

– E que milagre é este de me ligar?

– O milagre que você não faz.

– Como vão os primos?

– Enquanto há saúde, tudo está bem.

– Fico feliz.

– E você, concentrado no trabalho, imagino.
– Exatamente – concorda Andrés com um suspiro.
– Quando vai voltar a expor?
– Não sei, tio, vai demorar, estou indo muito lentamente.

– Queria fazer uma consulta.
– Diga.
– Quanto cobraria para fazer um retrato meu?
– Tio, por favor... – diz Andrés recostando-se no encosto da cadeira.

– Sério, me diga quanto. Tenho algumas economias e quero um retrato antes de virar um velho enrugado e decrepito.

– Não sei, o valor é o de menos.
– Mas cobre, rapaz.
– Bem, vemos isso depois. Quando pode vir ao meu estúdio?

– Depois de amanhã está bem para você?
– Após o almoço? Pode ser às duas? – pergunta Andrés.

– Perfeito, sobrinho, às duas em ponto.
– Você tem o endereço, não?
– Tenho, sim.
– Então espero-o aqui.
– Um abraço, Andrés.
– Até logo, tio.

Dois dias depois, na hora combinada, o tio Manuel chega ao escritório de Andrés. É um homem de baixa estatura, um pouco acima do peso, com o cabelo curto e grisalho, mas a expressividade dos olhos verdes, os far-tos bigodes brancos e o magnífico sorriso o fazem parecer um personagem simpático e desvolto. Transmite

uma vitalidade que o rejuvenesce e lhe dá um ar de força e invulnerabilidade.

Assim que o cumprimenta, Andrés se lembra de uma cena que foi um escândalo e motivo de vergonha para a família. A avó tinha morrido numa casa de repouso no norte da cidade, e algumas horas mais tarde seu pai e suas tias haviam decidido velar o corpo numa funerária de Chapinero. Mas o tio Manuel não estava em nenhum lugar. A ex-mulher e os filhos não sabiam dele. A situação era estranha e um tanto incômoda, pois, como filho mais velho, o tio tinha sido sempre o favorito da avó, o filho predileto e bem-amado. Ao fim, perto da meia-noite, o tio Manuel ligou para Andrés e lhe disse:

– Amanhã estarei pontualmente no enterro. Diga a todos que não se preocupem.

E desligou. Andrés nunca soube de onde ele fez aquela ligação, mas, como tinha dito, no dia seguinte, às três da tarde, quando a família toda estava reunida nos jardins do cemitério para dar o último adeus à avó, o tio apareceu subitamente, como um fantasma que se aproximasse ziguezagueando entre os túmulos. Vinha ladeado por duas prostitutas com minissaias de couro, decotes vulgares e maquiagem exagerada, que o apoiavam entre risadas e longos suspiros. O tio estava vestido com uma bermuda cor de terra, uma camisa florida de cores berrantes e tênis. O mais surpreendente da imagem era que estava com um *walkman* com os respectivos fones nos ouvidos e cantarolava sem parar uma melodia com voz rouca e pastosa. As pessoas emudeceram, e ninguém soube como agir diante da situação. O tio chegou até o caixão abraçado às duas putas que não paravam de rir, soltou-se por uns breves instantes dos seus tentáculos

pegajosos, tirou uma rosa vermelha de um dos bolsos traseiros da bermuda, fez uma reverência graciosa, jogou a flor em cima do caixão e disse:

– Adeus, minha velha.

Isso foi tudo. Deu meia-volta, abraçou-se de novo às duas meretrizes e se afastou cantando e assobiando sem olhar para ninguém, sem cumprimentar, sem se despedir.

Tamanho despropósito havia sido suficiente para que toda a família se pusesse de acordo e decidisse exilá-lo, afastá-lo, não voltar a lhe dirigir a palavra. O único que havia conseguido ver além daquele ato disparatado uma lição misteriosa (Uma rebelião contra as regras estabelecidas da dor e do pesar? O triunfo da vida sobre o sofrimento? Uma visão gozosa e prazenteira da morte?) tinha sido ele, Andrés, que não só continuava conversando com o tio de vez em quando como gostava dele e o admirava agora muito mais do que no passado.

Após lhe oferecer uma xícara de café e conversar com ele por alguns minutos, Andrés prepara os óleos e os pincéis, e aponta a cadeira onde deve permanecer imóvel e se possível sem alterar a expressão do rosto.

– Só uma coisa – diz o tio – não passou pela nossa cabeça: trazer uma modelo para que se sentasse nua no meu colo.

– Isto aqui é um estúdio de pintura, tio, não um bordel.

– Um retrato pornográfico ficaria lindo.

Andrés ri e ajeita a tela no cavalete.

– Você tem muitas amiguinhas por aí? – pergunta o tio.

– Não.

– Vocês, artistas, são mais mulherengos do que os outros.

– Não sei de onde tirou isso.

– Todo mundo sabe – continua o tio com um sorriso. – Você não ia ser exceção. Vejamos, prefere loiras ou morenas?

– Não sei, tio, depende.

– Quer um bom conselho? Busque as morenas, são incomparáveis.

Andrés cala e se concentra no rosto alegre e irreverente cuja pele já começa a enrugar ao redor dos olhos e nos cantos da boca. Faz os primeiros traços na tela tentando precisar a forma ovalada da cabeça. O pincel desliza com suavidade e Andrés sente a mão ágil, rápida, bem treinada. O movimento lhe dá segurança para continuar e dizer para si mesmo: “Vai ficar bom; não vai haver problemas, estou ligado à imagem”. Além disso, não se trata só de representar um rosto, mas de pintar a energia que o habita, a passagem do tempo, o amontoado de experiências que há dentro dele, suas escolhas mais covardes e também as mais ousadas. Porque a vida vai construindo o rosto, continua pensando Andrés, e tanto a debilidade mais vergonhosa quanto a superabundância de força vão ficando refletidas no brilho dos olhos, na maneira de mexer os lábios para sorrir, nas pequenas dobras que a pele forma no centro da testa, na luz que ilumina a face, na opacidade que escurece de maneira sinistra todo o conjunto. Por isso a arte do retrato tem algo de adivinhação – trata-se de montar o mapa de uma vida, é um trabalho para cartógrafos e clarividentes.

Algumas horas mais tarde o quadro está praticamente terminado. O tio Manuel parece esgotado, exausto.

– Já está quase pronto, não falta muito – diz Andrés para tranquilizá-lo.

Baixa o pincel até o queixo e, quando está quase chegando à área do pescoço, sente uma pontada no braço e um abalo geral estremece todo o seu corpo. Andrés se assusta (nunca sentiu isso antes), mas não para, deixa-se arrastar pelo redemoinho que obriga sua mão a pintar círculos atrozés na carne lesada do retrato. O que é isso, o que está acontecendo? Não sabe, deixa apenas que a mão invente uma verdadeira tempestade no pescoço da figura, um furacão enfurecido cujo epicentro é o pomo da garganta. Por um instante fugaz, Andrés pensa nos quadros de Turner, em suas atmosferas caóticas e seus fluxos furiosos. Enquanto pinta com frenesi, grossas gotas de suor ensopam suas têmporas, a nuca e as axilas.

– O que você tem? – pergunta-lhe, preocupado, o tio Manuel. – Está tremendo.

Andrés fecha o último círculo de pintura, exala uma baforada de ar e se afasta do cavalete.

– Terminei – diz, e coloca os óleos e os pincéis em cima de uma mesinha.

– Está com febre? – pergunta-lhe o tio.

– Acho que estou ficando resfriado.

– Deite-se e descanse.

Andrés enxuga o suor das têmporas e da nuca com uma toalha e fica de novo de frente para o cavalete. O tio se aproxima para olhar a pintura.

– Estou idêntico, caralho – comenta com um sorriso radiante.

– Gostou?

– Adorei, homem – fala observando a tela. – O que

eu não entendo é essa confusão de cores aí na garganta – e aponta para a parte do quadro a que se refere.

– Saiu assim, eu também não entendo – aceita Andrés com resignação.

– É estranho.

– Sim.

– Fascina-me – diz o tio contente.

– Você gostou mesmo?

– Achei maravilhoso.

– Fico feliz.

O tio esfrega as mãos e vira o rosto para observá-lo.

– Agora me diga quanto lhe devo.

– Dentro de alguns dias o enviarei e então direi o preço.

– Posso confiar?

– Sim.

O tio o abraça e diz:

– Vou indo porque tenho uns assuntos para resolver.

Acompanha-o até a porta, voltam a se abraçar e o tio lhe recomenda em tom afetuoso:

– Vá para a cama, precisa descansar.

– Pode deixar.

– E aguardo a conta.

– Cobrarei em dólares – brinca Andrés. Fecha a porta e sente de repente uma tristeza intensa, uma vontade de se atirar no chão e chorar, como se fosse uma criança desamparada na areia de um deserto incomensurável.

Três dias depois recebe uma ligação do tio às dez da noite:

– Por que pintou aquilo, Andrés? – pergunta à queima-roupa.

– Não sei.

– Acabo de chegar do médico – fala num fio de voz.
– Estou com câncer de garganta. Muito avançado. Restam-me poucos meses de vida.

– Estou com medo, padre.

– Por quê?

– Estou enlouquecendo.

– O que está acontecendo?

– Tenho ideias atrozes.

– Conte-me.

– Não tenho perdão.

– Deus é imensamente misericordioso, filho; Seu perdão não tem limites.

A igreja está deserta, em silêncio, sem os ruídos de passos e de murmúrios que geram os fiéis ao longo da nave central. Uma luz tênue entra pelos vitrais do teto e se esparrama em brilhos multicoloridos que dão ao lugar um ar de irrealidade, como se fosse uma imagem onírica, idealizada, e não de objetos e de lugares evidentes e reais. O padre Ernesto está sentado no confessionário e a voz que chega até ele delata angústia e desespero, noites de insônia, medo de si mesmo, nervos a ponto de explodir e uma mente flertando perigosamente com o delírio e a demência. É o último fiel que resta dentro da igreja e o padre sabe que esse homem esperou que os outros se retirassem para se sentir mais tranquilo, a sós com o sacerdote e com Deus. Pela voz neutra mas estável (sem tremores) e pela pronúncia correta (sem erros), o padre supõe que o pecador é um homem entre trinta e trinta e cinco anos, mais ou menos instruído, de classe média.

– Confie em Deus, filho.

Ouve-se do outro lado uma respiração entrecortada, abafada, difícil. Ao fim o homem decide falar:

– Não sei o que está acontecendo com a minha cabeça, padre; não me reconheço, este não sou eu.

– Vá contando devagar.

Um silêncio prolongado indica ao padre Ernesto que o homem está tentando organizar as ideias, que se esforça para organizar os conceitos no intuito de expressar o inferno que o cerca sem deixar uma única saída por onde escapar.

– Tudo começou com a perda do meu trabalho, padre. Fiquei sem emprego e foi impossível encontrar outro. Os meses passavam e nada, não havia uma vaga em nenhuma parte, um trabalho por hora, um posto temporário, nada. Perdemos o apartamento onde morávamos e embargaram os móveis, as roupas, os eletrodomésticos, tudo. Fomos morar na casa dos pais da minha mulher com as duas meninas. O senhor deve imaginar o pesadelo, as acusações, as discussões, as brigas desde manhã até a noite.

– Sim, filho, eu compreendo.

– O meu sogro morreu e toda a família dizia que tinha sido por nossa culpa, que o velho havia morrido porque já não nos aguentava mais. Um mês depois a minha sogra morreu de puro pesar. Minha mulher me disse no dia do enterro: “Você os matou, você me deixou órfã”.

– Coisas que se dizem por impotência, filho, na raiva e na irritação.

– Em seguida vieram a fome, padre, a fome física, as dores de estômago de minhas duas filhas, a anemia, a desnutrição, os resfriados constantes, a falta de sono. Minha mulher disse que não ia deixar as filhas morrerem de fome

e foi para a praça do mercado mendigar, recolher do chão frutas podres, verduras pisoteadas, restos de pão esquecidos.

– Sinto muito, filho.

– E agora cheguei ao limite, padre. Tenho sonhos, sonhos que me visitam inclusive de dia, assim que fecho os olhos. Quero liberar minha mulher e minhas filhas do sofrimento, não quero mais dor para elas.

– Acalme-se.

– Quero matá-las, padre. Vejo-as todo o tempo manchadas de sangue, esfaqueadas pela minha mão. Cheguei a andar pela casa de madrugada, tremendo, febril, invadido pela vontade de matar. Entende, padre?

– Não se alarme, filho, Deus não permitirá uma coisa dessas.

– Quero assassiná-las, padre, mas por amor, porque não quero que continuem sofrendo dessa maneira. Preciso ajudá-las, libertá-las desse horror.

– Vamos rezar juntos, filho, vamos pedir por você e por sua família. Deus nos ouvirá.

O padre Ernesto eleva uma prece e em seguida repete um Pai-Nosso e uma Ave-Maria acompanhado pela voz do homem. Depois pergunta:

– Você está arrependido, filho?

– Não sei, padre, não sei se estou arrependido. Já disse que tudo o que está acontecendo comigo é por amor.

– Para que Deus o perdoe você precisa estar arrependido.

– Sim, sim...

O padre dá ao homem uma penitência, depois murmura uma fórmula incompreensível, desenha no ar o sinal da cruz com a mão direita e finalmente fala:

– Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Pode ir em paz.

O desconhecido se levanta e o padre consegue perguntar-lhe:

– Filho, ainda está aí?

– Sim, padre.

– Quero que venha à igreja esta noite.

– Esta noite?

– Venha à missa e me espere na saída. Quero conversar com você.

O homem não responde, dá meia-volta e vai embora. O padre Ernesto sai do confessionário e consegue avistar uma figura encurvada e seca que se perde entre as colunas da entrada da igreja.

À tarde recebe a visita do padre Enrique, seu antigo colega de seminário e universidade, homem forte e de baixa estatura que se mantém em forma apesar de estar próximo dos cinquenta anos. De repente, o padre Ernesto decide desabafar com ele:

– Hoje recebi uma confissão arrepiante, Enrique.

– As pessoas estão cada vez pior.

– Isso é diferente.

– Por quê?

– É diferente.

– No que é diferente? – pergunta o padre Enrique com um pouco de aspereza na voz.

– Hoje senti pavor ouvindo a confissão daquele homem, senti medo, não sei, nunca tinha me acontecido uma coisa assim.

– Você está muito sensível, isso é tudo.

– Não, é outra coisa.

– Do que está falando? – pergunta o padre Enrique

com o cenho franzido.

– Não sei como explicar.

– Nunca vi você tão confuso.

– Alguma vez sentiu que uma coisa era superior a você?

– Você pergunta no sentido religioso?

– Alguma coisa que está no ar, no ambiente, fluando ao seu redor, e que, embora não possa ver, você percebe, fareja.

– Sinceramente não.

– Enquanto aquele homem falava com voz profunda e atormentada, senti de repente uma presença maligna, uma corrente má e perversa dentro da igreja.

– O que você precisa é descansar.

– A impressão foi tão forte, Enrique, que fiquei com medo. Elevei uma prece para acalmar os ânimos e afastar aquele fluxo maligno do confessionário.

– Você não estará sofrendo de estresse?

– Aquele homem está tomado por uma força de uma maldade extrema. Não imagina o estado em que se encontra.

– Você ficou mesmo impressionado.

– Pedi que ele me esperasse hoje à noite para conversar como sacerdote e como amigo.

– O que pensa lhe dizer?

– Ele precisa de ajuda de verdade, em todos os níveis. O problema é que sinto que estou enfrentando uma força que me supera. Não é ele o que me assusta, mas aquilo que está por trás dele.

– Tome cuidado, Ernesto, não vá se meter numa confusão da qual não possa sair depois.

– Eu lhe contarei.

Padre Ernesto acompanha o padre Enrique até o ponto do ônibus e decide caminhar um pouco pelas ruas próximas. É um homem magro, de um metro e setenta e cinco de altura, cinquenta e três anos, olhos azuis que chamam a atenção dos interlocutores que percebem um brilho marítimo no seu olhar, e tem o cabelo completamente branco ao redor das têmporas e na parte de trás da cabeça. As pessoas que frequentam a paróquia o respeitam e gostam dele. De boas maneiras, amável e inclinado a compartilhar suas ideias e preferências sobre qualquer assunto, o padre Ernesto soube ganhar em pouco tempo o afeto e a admiração dos moradores humildes da região. Entre colegas e superiores, caracteriza-se por ser um sacerdote avançado, com tendências políticas de esquerda que o obrigaram a trabalhar sempre com a população das classes sociais menos favorecidas. Quando iam nomeá-lo pela primeira vez encarregado de uma paróquia, solicitou às altas esferas do poder eclesiástico que lhe outorgassem uma igreja modesta e fiéis que estivessem necessitando de verdade da sua presença. — Lembre-se, padre Ernesto — disse-lhe seu superior imediato —, de que todos os homens são iguais aos olhos de Deus. — Você bem sabe, padre, que as pessoas de poucos recursos estão mais desamparadas do que as outras — respondeu ele.

Cumprimenta alguns comerciantes que o reconhecem e desce por uma rua vazia em direção ao centro da cidade. Vai pensando na confissão do desconhecido, nas palavras sinceras e comoventes. *Em seguida vieram a fome, padre, a fome física, as dores de estômago de minhas duas filhas, a anemia, a desnutrição, os resfriados constantes, a falta de sono.* Há tortura maior do que essa, ver os filhos morrendo pouco a pouco de fome? É preciso arranjar o quanto antes um trabalho

para aquele homem, qualquer coisa, e enquanto isso recorrer aos recursos de emergência da igreja e à caridade alheia para fazer uma compra que permita às duas filhas, à mulher e a ele mesmo se alimentarem e se recuperarem da inanição e da doença. Depois será muito mais fácil derrotar a força maligna que se apossou da sua alma, os instintos criminosos disfarçados de bondade e benevolência.

Uma mulher obesa que vem subindo pela mesma rua levanta a mão direita para indicar que pare e lhe diz com a voz assustada e inquieta:

– Que sorte encontrará-lo, padre.

A expressão dela faz o padre Ernesto sorrir.

– A mim?

– Sim, padre.

– E pode-se saber por quê?

A mulher toma ar e assegura:

– Estão procurando o senhor por toda parte. A minha filha acaba de me contar.

– E quem precisa de mim com tanta urgência?

– O pessoal está reunido na igreja.

– Mas a missa é só às sete – diz o padre Ernesto desconcertado.

– Faz uma hora que o estão procurando.

– O que foi que aconteceu?

– É melhor ir rápido, padre.

Ele se despede da mulher e empreende o caminho de volta com pressa, caminhando com a máxima velocidade que pulmões e pernas permitem. Quando já está perto, consegue avistar um grupo de pessoas reunido nas escadarias da igreja. O velho Gerardo, um dos líderes comunitários do bairro, aproxima-se dele com o rosto congestionado.

- Ainda bem que chegou, padre.
- O que aconteceu?
- Um maluco está lá dentro e quer falar com você. Ele simplesmente entrou.
- Quem é?
- Não sabemos, não é ninguém conhecido no bairro.
- E o que é que ele quer?
- Só diz que precisa falar com você.
- É agressivo?
- Está com uma faca e todo sujo de sangue.

O padre Ernesto atravessa a multidão sem cumprimentar ninguém e entra na igreja com a suspeita de que sabe quem o espera dentro do recinto sagrado. Ajoelhado diante do altar, com a cabeça encostada no peito e uma faca ensanguentada no chão a poucos centímetros dele, um homem magro e encurvado parece estar se afogando no fluxo do próprio pranto.